

Entre signos e silêncios: raça, gênero e poder em “Conversa com uma menina branca”, de Djonga¹

Nathália Fernanda Oliveira de Moraes²

Janaína Sarah Pedrotti³

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

RESUMO

Este trabalho analisa o videoclipe *Conversa com uma menina branca* (DJONGA, 2022), à luz da semiótica peirciana (SANTAELLA; NÖTH, 2004), para compreender como os signos visuais e sonoros contribuem para tensionar a branquitude e a interseccionalidade entre raça e gênero (FERREIRA, 2017; HOOKS, 2013). A análise se ancora em uma perspectiva crítica e interdisciplinar, associando a produção estética ao pensamento feminista negro brasileiro (MARTINS, 2019; GONZALEZ, 1982) e ao papel do movimento negro na educação e formação de identidades (SANTOS, 2019). O estudo aponta que o videoclipe constrói uma contra-narrativa potente ao denunciar apagamentos históricos e afirmar subjetividades negras, principalmente por meio da performance, da linguagem poética e das imagens simbólicas.

PALAVRAS-CHAVE

Semiótica; Representação racial; Interseccionalidade; Mídia e discurso; Rap.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira carrega, desde sua formação, uma série de contradições que atravessam raça, classe e gênero. Com uma população composta majoritariamente por pessoas negras, o país continua registrando episódios frequentes de racismo, que se manifestam tanto em situações cotidianas quanto em episódios midiáticos de grande repercussão. A música tem

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Discente do Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso

³ Docente do Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso

desempenhado um papel central como instrumento de denúncia dessas desigualdades. Em especial, o rap emerge como uma linguagem estética que dá visibilidade às experiências das populações marginalizadas.

Nesse contexto, o rapper Djonga lança, em 2022, durante o período eleitoral, o clipe *“Conversa com uma menina branca”*,⁴ presente no álbum *O Dono do Lugar*. A obra coloca em foco as tensões entre raça e gênero, mostrando as dinâmicas de poder que envolvem homens negros e mulheres brancas. Coincidentemente, o lançamento ocorre poucos dias antes do episódio envolvendo a deputada Carla Zambelli (PL-SP), que em outubro de 2022 perseguiu e ameaçou um homem negro com arma de fogo nas ruas de São Paulo. Esse episódio acendeu ainda mais as discussões públicas sobre privilégios raciais e relações de poder de gênero, servindo como elemento simbólico que dialoga com as questões trazidas por Djonga no clipe.

O presente trabalho propõe uma análise semiótica da obra, a partir da perspectiva peirceana de signos, aliada ao monitoramento das discussões que emergiram nas redes sociais, em especial no Twitter. Busca-se compreender como a narrativa audiovisual, somada ao contexto social e político do período, construiu significados que ressoaram nas percepções públicas sobre raça e gênero, no Brasil contemporâneo.

Fundamentação teórica

A análise semiótica deste trabalho se baseia principalmente na teoria dos signos desenvolvida por Charles Sanders Peirce, que propõe uma concepção triádica do signo: representação, objeto e interpretante (Peirce, 2007). Para Peirce, o signo é sempre parte de um processo, que envolve a interpretação em constante renovação. Nesse sentido, o videoclipe é compreendido como um texto cultural dinâmico, que, para além da canção, integra elementos visuais e simbólicos que ampliam seu significado.

⁴ *Conversa com uma Menina Branca* (Clipe Oficial). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qO5jR2_Ydms. Acesso em: 7 de abril de 2025.

Além de Peirce, Santaella (2000) contribui para a compreensão da semiose como um processo ilimitado, no qual os signos se desdobram em novas interpretações conforme circulam em diferentes contextos culturais. Complementando essa abordagem, Lotman (1996) reforça que a cultura pode ser entendida como um mecanismo de produção de signos, onde textos culturais, como o videoclipe, atuam como espaços de disputa de sentidos.

As discussões sobre interseccionalidade, propostas por Kimberlé Crenshaw (1989), também são fundamentais para esta análise, pois ajudam a compreender como as opressões de raça e gênero não operam de maneira isolada, mas interagem e se sobrepõem. A obra de Djonga evidencia justamente essas intersecções, questionando tanto as violências raciais direcionadas a homens negros quanto as posições de privilégio e opressão ocupadas por mulheres brancas na estrutura social brasileira.

Metodologia

A pesquisa é qualitativa e exploratória, composta por duas etapas principais: a análise do videoclipe como texto cultural e o monitoramento de reações nas redes sociais. Para a primeira etapa, foram identificados e descritos os signos visuais e sonoros presentes no clipe, observando sua relação com a construção de sentido sobre raça e gênero. Elementos como a paleta de cores, a escolha dos cenários e a atuação dos personagens foram considerados na análise.

Na segunda etapa, foram monitoradas postagens no Twitter durante o período de outubro a dezembro de 2022, utilizando as hashtags #Djonga, #ConversaComUmaMeninaBranca e #Racismo. Foram analisadas 250 publicações com maior engajamento, priorizando aquelas que traziam reflexões sobre o tema ou que evidenciavam reações de aprovação ou crítica ao conteúdo do clipe.

Análise dos resultados

A análise do videoclipe revela uma narrativa que explora signos de poder e vulnerabilidade. Em várias cenas, Djonga aparece em espaços de tensão, cercado por olhares de julgamento ou situado em ambientes que remetem ao encarceramento simbólico da população negra. A presença da figura da "menina branca" no clipe é estratégica: sua posição de aparente fragilidade é contrastada com o olhar de acusação dirigido ao homem negro, uma construção visual que remete às dinâmicas históricas de racialização do perigo.

A análise das publicações no Twitter demonstrou que a obra gerou amplo debate, com polarizações marcantes. Muitos usuários destacaram que o clipe promove uma necessária reflexão sobre o papel das mulheres brancas na manutenção de estruturas racistas. Outros criticaram a abordagem, argumentando que o discurso do clipe invisibiliza as violências de gênero sofridas por mulheres negras, ampliando a discussão sobre interseccionalidade.

O episódio⁵ envolvendo Carla Zambelli, ocorrido em 29 de outubro de 2022, durante o segundo turno das eleições, foi amplamente citado nas discussões. A cena da deputada armada perseguindo um homem negro reforçou visualmente a mensagem do clipe de Djonga, que já abordava as relações entre privilégio racial e gênero. Como destacou Ribeiro (2017), a branquitude no Brasil opera como um sistema de poder silencioso, mas evidente em situações de conflito racial. A deputada, ainda que inserida em um espaço político tradicionalmente masculino, acionou o privilégio racial para justificar suas ações, evidenciando a sobreposição das hierarquias sociais. Em 2024, Zambelli foi condenada pelo Supremo Tribunal Federal a três anos e seis meses de prisão em regime aberto, com perda do mandato e dos direitos políticos.

Discussão

⁵ UOL. **Justiça condena Carla Zambelli por perseguição armada em SP durante eleições de 2022**. UOL Notícias, 23 fev. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/02/23/justica-condena-carla-zambelli-por-perseguido-armada.htm>. Acesso em: 07 abr. 2025.

Os dados analisados indicam que a recepção do videoclipe “*Conversa com uma menina branca*” foi atravessada pelas complexidades do contexto político e social brasileiro em 2022. A intersecção entre raça e gênero emergiu como ponto central das discussões, revelando as múltiplas camadas de interpretação possíveis da obra.

O conceito de lugar de fala, proposto por Djamila Ribeiro (2017), também se mostra relevante na análise das reações do público. Muitos internautas questionaram quem tem legitimidade para abordar determinadas opressões e como a representação das violências deve ser construída na arte. A obra de Djonga, ao expor a perspectiva do homem negro diante de uma mulher branca, desloca a centralidade da narrativa para uma ótica frequentemente marginalizada, ampliando o debate sobre as vozes autorizadas no espaço público.

As divergências nas interpretações do clipe reforçam a ideia de que a cultura é um espaço de disputa de significados, como aponta Hall (2003). O campo simbólico não é neutro; ao contrário, é permeado por interesses e posicionamentos políticos. A circulação do clipe nas redes sociais transformou a obra em catalisador de debates sobre privilégios, violências e responsabilidades sociais, demonstrando o papel ativo da audiência na ressignificação das produções culturais.

Considerações finais

O videoclipe “*Conversa com uma menina branca*”, de Djonga, se apresenta como um texto cultural que dialoga com as complexas relações entre raça e gênero na sociedade brasileira. Por meio da análise semiótica e do monitoramento das reações nas redes sociais, foi possível identificar que a obra provocou amplas discussões sobre a interseccionalidade das opressões e os privilégios que atravessam os corpos no Brasil contemporâneo. A partir da articulação de signos visuais e sonoros, o clipe constrói uma narrativa que tensiona discursos hegemônicos e expõe as desigualdades estruturais.

A coincidência temporal entre o lançamento do clipe e o episódio envolvendo a deputada Carla Zambelli intensificou a ressonância da mensagem de Djonga, mostrando como produções artísticas podem se tornar ferramentas de interpretação e crítica da realidade social.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, Lucia Santaella e Winfried Nöth (Org.). ***Imagens do Pensamento: a semiótica de Charles S. Peirce***. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.
- DJONGA. ***Conversa com uma menina branca***. Direção: Jean Furquim. Brasil, 2022. Videoclipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9gJzvDGnp60>. Acesso em: 05 abr. 2025.
- FERREIRA, Luciana. **Raça e Gênero: intersecções possíveis e suas repercussões na contemporaneidade**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 45–58, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HOOKS, bell. ***Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade***. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- LOTMAN, Iúri. **A semiosfera**. Tradução de Juri M. Lotman et al. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- MARTINS, Heloísa Buarque de Hollanda (Org.). ***Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto***. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução, organização e introdução de Lucia Santaella. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SANTOS, Nilma Lino Gomes. *Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Gênero, raça e classe: uma proposta de articulação para uma leitura crítica das relações sociais**. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 109-120, 2000.
- TWITTER. **“Conversa com uma menina branca”** – Discussão sobre clipe de Djonga. Publicações coletadas entre setembro e dezembro de 2022.